

O VERBO ENCANTADO

IMAGENS DO PADRE CÍCERO NA LITERATURA DE CORDEL

*"As palavras e os sons não são arcos-íris...?
Que encantadora loucura é a palavra: com ela,
o homem dança sobre todas as coisas."
Friedrich Nietzsche (Apud MENEZES, 1992/
93:151)*

FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS*

RESUMO

Nos versos da "literatura de cordel", Pe. Cícero ganha consistência tal como deseja o imaginário dos devotos. Nessa perspectiva, as "histórias" do poeta popular guardam íntima relação com a vontade de construir um protetor de imperecível poder. É plausível inferir que tais narrativas são formas de fornecer sentido para o existente, alimentando fé e esperança em face do imponderável desenrolar do tempo. Percebe-se que a cultura dos fiéis produz verdades que, em certa medida, seguem os princípios do relato hagiográfico.

* Professor do Departamento de História da UFC e mestre em Sociologia pela UFC.

Em 1923, Pe. Cícero escreve uma segunda versão para seu testamento de 1922, deixando a melhor fatia da herança para os salesianos. Nesse documento, expõe muito mais do que uma simples relação de bens e herdeiros: constrói explicações para defender a honestidade da sua vida de sacerdote e político. Pode-se vislumbrar a presença de um homem preocupado com a própria imagem, em face das acusações que sempre transitaram nas suas querelas com a hierarquia eclesiástica e a política dos coronéis. Trata-se de um documento com explícito sabor de monumento, para usar a lúcida expressão de Le Goff. Ou seja: um pronunciamento recheado de justificativas para compor a defesa em possíveis julgamentos da posteridade, um discurso que pretende atravessar o tempo.

Nesse depoimento, que já alimentou calorosa polêmica, Pe. Cícero tece um expressivo comentário sobre a seriedade com que abraçou a vida religiosa. Sempre seguro e com linguagem clara, anuncia:

"Devo declarar, por ser para mim uma grande honra e um dos muitos efeitos da Graça Divina sobre mim, que, em virtude de um voto por mim feito, aos doze anos de idade, pela leitura que eu fiz na vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje".

É significativo notar que, entre as defesas ou jus-

tificativas, a sexualidade ocupou lugar de destaque. Indício de uma vida que recusava o corpo em nome da pureza espiritual. No discurso e na prática, o venerado padrinho procurava seguir uma longa e complexa tradição cristã, que guarda raízes nas idéias de Platão e no estoicismo, considerando o espírito ontologicamente superior à matéria. Nessa perspectiva, o corpo é o espaço no qual habita o falso, o engano, a ilusão. E o espírito é o lugar da verdade, da plenitude existencial. Por conseguinte, o ideal seria a ausência da sexualidade.

No catolicismo que invadiu os sertões, a castidade é uma

evidente característica dos santos ou religiosos de alto valor. Assim, pode-se entender melhor a preocupação do Pe. Cícero em sublinhar a sua vida de abstinência e isso foi, em certa medida, uma postura fundante dentro de uma cultura que elegeu grandes líderes por meio de parâmetros do sagrado (Pe. Ibiapina, Antônio Conselheiro, Beato Lourenço, Frei Damião...). A credibilidade do venerado patriarca foi alimentada, em grande parte, por sua pública recusa do corpo sexuado.

Contudo, vale ressaltar que o imaginário dos devotos não está submisso aos "dados" da historiografia oficial. Nas narrativas populares, a biografia do Pe. Cícero configura-se em outra dimensão. Sobre a negação do corpo e outras questões, afloram várias histórias que são necessárias para a criação de um

grande protetor. Histórias raramente subordinadas aos parâmetros da documentação oficial (como o mencionado testamento), ou a interpretações que nutrem querelas no meio da intelectualidade. Na chamada “literatura de cordel”, nos mitos e nas narrativas populares, a elaboração da verdade segue outro caminho. A lógica do sagrado fala mais alto e o imaginário se encarrega de gerar um largo conjunto de narrativas.

Como mostra o poeta João de Cristo Rei, o Pe. Cícero “*veio habitar neste mundo / com a ordem do Eterno / para redimir os crimes / de todo povo moderno / e defender seus devotos / do castigo do inferno*”. Com uma missão desse porte, Pe. Cícero teria um nascimento todo especial:

“Dona Joaquina
e Joaquim Romão Batista
são os seus legítimos pais
como a história registra
mas pela lei da razão
segundo o ponto de vista

Agora vamos saber
o caso que aconteceu
na morada do casal
onde o menino nasceu
isto a mãe dele dizia
a dona Rita Maria
mulher dum parente meu

E quando a Mãe dele teve
o primeiro garotinho
lhe apareceu uma dona
com outro bem bonitinho
e quando em seu lar entrou
seu filho o depositou
junto do outro novinho

Então a dona da casa
estava nesta ocasião
de resguardo e no momento
não havia um só cristão
que lá em seu ambiente
lhe desse o suficiente
da sua alimentação

A mulher compadecida
cheia de amor e carinho
disse pra dona da casa
seu lar não está sozinho
fique aí que eu vou cuidar
tudo que necessitar
a senhora e seu filhinho

Dizendo assim foi cuidar
do que a dona carecia
deu alimento a criança
ajeitou a moradia
do leito o filho tirou
e disse a dona Quinor
fique em paz, até um dia

Abraçando a criancinha
no rosto aplicou um beijo
e disse a dona da casa
satisfaça meu desejo
vá criar seu filho lindo
e retirou-se sorrindo
com seu olhar benfazejo

E quando o dono da casa
viu o que lhe acontecia
saiu procurando a dona
entre os vizinhos que havia
porém na população
eu não sei, eu não vi não
era o que o povo dizia

Depois do caso sem jeito
que para casa voltou
chegando abraçou o filho
que a mulher lhe deixou
botando o nome na lista
por Cícero Romão Batista
na igreja batizou.”

Nesse folheto, intitulado *Nascimento do Padri-nho Cícero e a troca misteriosa das crianças*, o poeta João de Cristo Rei fornece substância para o poder do Pe. Cícero ao anunciar que sua vida não recebeu a marca do “pecado original”. A origem do taumaturgo estava no território da pureza, não foi gerado no relacionamento homem-mulher. Nessa teofania primordial, a carne foi completamente excluída. Seguindo a velha tradição da moral cristã, a legitimidade do Pe. Cícero, como grande protetor, encontrou suporte na construção de uma imagem sem indício de atividade sexual.

Várias são as versões para esse “nascimento misterioso”. Contudo, todas reafirmam a divina origem do Pe. Cícero. Em uma dessas versões, o anjo depositou uma criança de olhos azuis num quarto e levou o filho de Joaquim e Vicença Romana. Na troca das crianças, o ambiente foi tomado por uma forte luminosidade, a presença de Deus no mundo dos homens. Às vezes, a narrativa afirma que o problema ocular da mãe

do Pe. Cícero foi uma consequência desse inesperado jato de luz. Conclusão coerente para uma cultura que costuma relacionar problemas do corpo com manifestações do além.

É interessante notar que, na “literatura de cordel”, a infância do Pe. Cícero caracteriza-se por uma marcante singularidade: vivia isolado e com o rosário agarrado nas mãos. João de Cristo Rei informa que o pequeno Cícero “*não queria companheiro / nem gostava de brincar / sua preocupação / era fazer oração / ouvir missa e estudar*”. Essa curiosa peculiaridade é confirmada por José Bernardo da Silva no folheto *O nascimento do Pe. Cícero na cidade do Crato - CE*:

“Os meninos lhe chamavam
para na rua brincar
e ele então respondia:
Deus não quer, eu não vou lá
tenho minha ocupação
vou cuidar em oração
que Deus me manda rezar

Os meninos respondiam:
Cícero quer ser muito exato
não brinca com os meninos
nem na rua nem no mato
pois reza toda semana
se o espírito não me engana
Cícero quer ser um beato!

– Vocês me chamam beato
eu beato não sou, não
mas espero de Deus Eterno
e da Virgem da Conceição
pelo seu eterno amor
fazer de mim um pastor
a porta da salvação”

No folheto *A vida e novos sermões do Padre Cícero*, a impecável métrica do poeta João Martins de Athaide também ressaltou a ausência de uma vida normal na infância daquele que foi “*mandado ao mundo por Deus*” e desejava “*ter a vida de privações*”:

“Enquanto ele pequeno
se com outro passeiava
de missas e confissões
era em quem ele falava
a doutrina de Jesus,
ele sempre argumentava.

Dizia aos outros meninos
ninguém deve se entreter
com as coisas deste mundo
que vão desaparecer
agora as coisas de Deus
foram, são e hão de ser.”

Nas entrelinhas dos versos de Cristo Rei, José Bernardo e João Martins, pode-se vislumbrar um substrato comum: a insuperável dicotomia corpo-alma. Com uma linguagem cheia de ardores, os poetas do povo não descortinam esse pressuposto vital. O jogo do pudor cristianizado elimina a possibilidade de uma linguagem mais clara e direta para expressar questões ligadas ao uso (e abuso...) da carne. Os poetas se servem de expressões suaves e “inocentes”: “*coisas deste mundo*” (João Martins), “*não brinca com os meninos*” (José Bernardo), “*nem gosta de brincar*” (Cristo Rei).

Vale ressaltar: refiro-me ao “uso da carne” não somente no sentido da sexualidade. Trata-se de uma perspectiva mais ampla, que leva em conta outras dimensões da vivência corporal. Nesse sentido, é curioso notar que a composição imagética do Pe. Cícero está longe do *homo ludens*.

No citado folheto *Nascimento do Padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças*, o poeta Cristo Rei afirma que “*de seis para sete anos*” o futuro Patriarca de Juazeiro sempre passava algum tempo fora de casa, em lugar ignorado. Ninguém sabia qual era o objetivo desse misterioso costume. O poema constrói uma certa tensão quando o pai do pequeno Cícero decide investigar o caso. Chama a criada e anuncia que “*seu trabalho é reparar / onde Cícero vai ficar*”. Cria-se, então, uma atmosfera de dúvida. Nas entrelinhas, é possível intuir o sentido dessa investigação: confirmar ou negar se o menino estava exercitando os naturais dispositivos da sensibilidade corporal, que possuem (é claro) formas definidas pela cultura. Nada estranho para uma tessitura social que coloca na paternidade a inadiável função de vigiar e punir. No contexto de um cordel que apresenta a “biografia” de um santo, o desenlace dessa narrativa assume um sentido mais ou menos previsível:

“No outro dia seguinte
a criada hospitaleira
levantou-se ocultamente
sentou-se numa cadeira
nisso o menino passou
com três imagens e entrou
num sítio de bananeira

A criada atenciosa
seguiu atrás reparando
e lá num canto sombrio
de longe foi avistando
ele firme ajoelhado
com seus três santos de lado
constantemente rezando.”

A dúvida recebe um destino pleno de coerência e nos leva, mais uma vez, ao recorrente tema da dicotomia corpo-alma. É visível que o poder do taumaturgo ganha consistência na medida em que uma característica fundante do corpo humano (a sexualidade) torna-se ausente na sua “biografia”. Pe. Cícero, então, é dono de um corpo que não possui atributos essenciais que definem a corporeidade. Ao olhar dos fiéis, tal ausência é mais uma prova que fundamenta a pureza do grande protetor. Seu corpo seria o abrigo de um espírito enviado por Deus.

No imaginário dos devotos, Pe. Cícero está fora da cultura que se manifestava no tempo e no espaço de sua existência histórica, de sua missão no mundo dos mortais. Nesse sentido, a postura paternal enfocada pelo poeta Cristo Rei merece um comentário a mais. Pela idade do pequeno Cícero, a preocupação do pai refere-se a um velho costume da vida campestre: o vínculo erótico com o mundo animal. É uma possibilidade plausível, pois essa é uma recorrente forma de iniciação sexual do meio sertanejo, que não se constitui uma exceção entre várias sociedades agrárias. Nos parâmetros dessa cultura, é algo vivenciado na prática, comentado no espaço da intimidade e condenado na dimensão do público.

No imaginário dos devotos, as narrativas eliminam essa e outras “tentações do demônio” para que o Pe. Cícero tenha a legitimidade de um grande protetor. Isso é possível porque seu corpo é uma materialidade que consegue eliminar os desejos da carne. Há uma certa contradição: de acordo com as narrativas populares, o “Padrinho” já nasceu puro, sem desejo ligado aos prazeres mundanos, mas sua vida é vista como uma penitência, uma difícil luta contra o pecado. Nessa perspectiva, Cícero nasceu insensível diante das tentações que levam ao ato pecaminoso, entretanto lutou, durante toda sua vida, para não ser influenciado por essas tentações. Percebe-se que ele é definido como um ser imunizado contra o poder do satanás: isso deveria colocá-lo numa posição de conforto e segurança. Contudo, sua vida foi cheia de sofrimento para afastar qualquer tipo de pecado. Nos parâmetros dessa cultura que faz da penitência uma forma de purgação do espírito, isso fornece um mérito de inestimável va-

lor. Pe. Cícero já era essencialmente puro e santo no nascimento, mas sofreu para se purificar e ter maior legitimidade como direto representante do poder divino: aforismo que, na percepção do devoto, ganha sentido plausível.

De acordo com a mitologia bíblica, é com o “pecado original” que os humanos descobrem a existência do corpo. Como ressalta Marilena Chaui (1991: 86), essa corporeidade “significa carência (necessidade de outra coisa para sobreviver), desejo (necessidade de outrem para viver), limite (percepção de obstáculos) e mortalidade (pois nascer significa que não se é eterno, é ter começo e fim). O pecado original é originário porque descobre a essência dos humanos: somos seres finitos. A finitude é a queda”. A partir de então, nascem os atributos que definem o ser humano, separando-o de Deus: finitude, corporeidade, desejo, carência e, por conseguinte, o pecado. Em certo sentido, o pecado original, que separa o criador de sua criatura, é a descoberta da dor.

A descoberta ou a invenção do corpo seria a fundação do sofrimento, a interferência do mal no gozo dos tempos primordiais. Passando por quase dois mil anos de história e sobrevivendo a várias transformações sociais e políticas, a Igreja Católica também mudou. Contudo conservou esse princípio sobre o qual todos devem orientar a vida, ou seja, o afastamento do sexo. Nesse sentido, a tarefa do bom cristão seria eliminar o feérico e rebelde desejo que nasce da carne e penetra nos interstícios da alma, deixando-a em pecaminoso desassossego.

É interessante notar que, no rol das narrativas populares, a preocupação com essas questões corporais só aparece quando o enfoque é no nascimento ou durante a infância do Pe. Cícero. Poucos são os comentários sobre a fase de adulto. Entre as raras “notícias” em torno da juventude, há uma rápida referência que revela, mais uma vez, o cuidado com as palavras e os fatos que constroem a “biografia” de um santo. Trata-se de uma informação colocada nas últimas estrofes do folheto de Cristo Rei *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças*: na hora do banho, o jovem seminarista “nunca se mostrava despido / os outros tiravam a roupa / ele ficava vestido / depois entre os que lhe via / tomava banho e saía / e nunca foi percebido”.

O banho vestido é mais um fato que só encontra fundamento no imaginário dos fiéis. Na verdade, todos os seminaristas da época banhavam-se de roupa pregada no corpo. Era uma regra que se estendia para os colégios comandados por padres e freiras. Aquilo que aparece nos versos como uma peculiar característica do jovem Cícero era uma prá-

tica obrigatória e generalizada. Mas o que importa para os limites da presente análise não é o “resgate” do real, e sim o que é retirado do imaginário social para a construção de uma realidade mais forte e mais consistente no sentido religioso. A biografia oficial do Pe. Cícero não seduz, não se origina da fé nem lhe dá força. A consistência do Pe. Cícero é uma causa e uma consequência do prodigioso mundo da fé sertaneja (que tem atrás de si longa história europeia e oriental).

Afinal, “... um fato pode não ter acontecido, contrariamente às alegações de um cronista. Mas o fato de ele ter podido afirmá-lo, de ter podido contar com a sua aceitação pelo público contemporâneo, é pelo menos tão revelador quanto a simples ocorrência de um evento, a qual, finalmente, deve-se ao acaso. A recepção dos enunciados é mais reveladora para a história das ideologias do que sua produção; e quando um autor comete um engano ou mente, seu texto não é menos significativo do que quando diz a verdade; o que importa é que o texto possa ser recebido pelos contemporâneos, ou que seu produtor tenha acreditado nele. Nessa perspectiva, a noção de “falso” é não pertinente” (Todorov, 1991: 52).

Depois de sua ordenação, em 1871, os comentários sobre o corpo do Pe. Cícero desaparecem. É correto supor que os poetas não encontraram disposição para falar sobre o óbvio. Depois de um nascimento sem carne e uma infância sem corpo, seria redundante, ou até mesmo uma falta de respeito, ficar falando do que não existia, ou melhor, do que não poderia existir. A ausência ou o completo controle da sensibilidade corporal continuou a marcar presença no decorrer das narrativas, mas de forma recôndita, como um pressuposto vital, porém implícito.

Percebe-se que, no imaginário popular, Pe. Cícero ganha consistência à medida que seu corpo torna-se ausente. Indício da ideologia clerical que penetrou na alma das populações sertanejas. Por outro lado, é válido lembrar que a interferência do catolicismo nas várias culturas da Terra de Santa Cruz não foi simplesmente uma imposição aceita de braços abertos ou uma invasão negada com lances de heroísmo. Numa perspectiva mais coerente, é possível vislumbrar que o combate dos missionários nas terras brasileiras foi longo e profundo, porém nunca produziu vitória definitiva. No contato entre culturas diferentes, cada indivíduo seleciona, reinterpreta e reinventa o diferente. Dessa forma, é imprescindível salientar que essa cultura dos “evangelizados” guarda planos de insubmissão aos programas oficiais da cristandade católica.

Um exemplo ressaltado por Câmara Cascudo: a religiosidade do povo nordestino não deposita grande confiança ou valor no celibato clerical. “O pecado sexual Deus deixou no Mundo porque fez os membros apropriados para a fecundação. Só se peca porque Ele permite.” (Cascudo, 1985: 431). Pior é a traição, que se enquadra no âmbito do imperdoável. “Nenhum

homem do Povo acredita ou compreende o celibato clerical. (...) Exige-se do padre a fidelidade infalível aos deveres da assistência cristã”. Por outro lado, Cascudo afirma que “certamente um sacerdote de costumes austeros, puro, sem ostentação e trombeta, é respeitado com admiração.” (1985: 431).

Em suma, é possível inferir que a castidade é um valor básico que, no entanto, pode assumir papel secundário. Cascudo (1985: 431) lembra o caso de dois padres que conquistaram grande prestígio popular em Natal: o Vigário Bartolomeu (1813-77) e João Maria (1848-1905). O primeiro possuía numerosa prole e o segundo era “casto como um anjo”. “Ambos, apóstolos da Caridade, generosos ao sacrifício pessoal, não tinham horário nem temiam intempéries no socorro aos necessitados.” Quando certas qualidades se mostram, o povo pode deixar de lado a questão da sexualidade. Sinal de certa insubmissão aos princípios da teologia oficial.

No caso do Pe. Cícero, percebe-se, pelo menos no plano da sexualidade, uma subordinação do “imaginário popular” aos princípios da Igreja Tridentina.

UM CALEIDOSCÓPIO DE MILAGRES

Como criadores e criaturas do imaginário que canonizou o Pe. Cícero, os poetas populares são janelas por onde podemos vislumbrar várias histórias de um mundo encantado, cheio de milagres, profecias e mistérios. Na poética popular, encontramos as narrativas que os romeiros guardam no acervo das informações vitais. Além do misterioso nascimento, acompanhado por uma singular infância, outros acontecimentos possuem livre trânsito no imaginário dos fiéis, como os milagres do jovem Cícero no seu período de seminarista. O caso do chapéu agarrado na parede e a marca de ferro sem fogo é uma referência quase obrigatória:

“E quando no seminário
os seus colegas ocupava
os tornos lá da parede
na hora que ele chegava
que torno nela não via
nela o chapéu sacudia
e pregado ele ficava(...)

Seus colegas foram um dia
os seus cavalos ferrar
porém ele não querendo
seu bichinho maltratar
por cima a mão lhe passou
e com o dedo aplicou
seu ferro sem o queimar.”

No folheto *Nascimento do Pe. Cícero na cidade de Crato - CE*, José Bernardo nos conta o milagre do

padrinho “quando levantou um morto na serra de São Pedro”. Outro caso de significativa popularidade.

Pelo fato de funcionarem dentro de uma “legislação do merecimento”, os milagres do Pe. Cícero ligam-se à possibilidade do castigo. Percebe-se que a conquista de uma graça celestial e o recebimento de uma justa penalidade enquadram-se dentro de uma lógica que fornece coerência para o mundo e para as (re)ações de um santo. Além do curioso “Exemplo da moça que virou cobra porque falou do Pe. Cícero”, existe um impressionante quadro de narrativas que nascem dessa lógica e, ao mesmo tempo, lhe dão força e concretude. No folheto *Os milagres de Padrinho Cícero*, o poeta João de Cristo Rei nos remete a um caso de significativa popularidade no imaginário dos romeiros. Trata-se da história de um rico fazendeiro, “que zombava de meu Padrinho / com seu coração maldoso”. Em um período de seca, esse fazendeiro mandou um “portador” pedir ao Pe. Cícero “um tostão de chuva”. Cumprindo as ordens, o “portador” levou o dinheiro para o Pe. Cícero e recebeu “dois vinténs de troco”, com a seguinte explicação: “um tostão de chuva é muito / ninguém suporta a enchente / para ele se arranjar / basta três vinténs somente”. O destino do rico “com seu coração maldoso”, como mostra o desenlace da narrativa, foi trágico e justo:

“Nesse mesmo dia a tarde
baixou em sua morada
uma nuvem muito grande
com relâmpago e trovoadas,
soltando raio e corisco
despejando uma chuvada

Então começou do céu
o nevoeiro baixando
a chuva grossa caindo
as águas no chão rolando
a cheia cobrindo tudo
os animais se acabando

Ele vendo o tempo ruim
conhecendo que morria
gritou pedindo socorro
os vizinhos que havia
e eles vieram todos
lhe tirar desta agonia

Tiraram a família dele
para fora do destreço
e ele gritando aflito
e nesse triste alvoreço
quando saiu já estava
com água pelo pescoço

Salvou-se com a família
mas o que tinha perdeu
planta de cana e mandioca
tudo desapareceu
o engenho caiu também
a bicharada morreu.”

Sabe-se que, para o católico, há um constante comércio de dádivas, visível na recorrente prática da “promessa”. O devoto pede, o santo dá e recebe o previsto pagamento da “promessa”. Mas, no caso acima, o fazendeiro queria, com arrogância e “orgulho”, comprar chuva. Não respeitava o Pe. Cícero e profanou a sagrada relação de trocas com as forças da Eternidade. Conseqüência: o milagre veio em forma de castigo. Além de desenvolver uma estratégia de convencimento sobre o poder do Pe. Cícero, o poeta deixa claro que, no mercado das trocas com o além, o respeito é um elemento de inestimável importância.

Os poetas do povo sabem que a fé no poder do Pe. Cícero não é um fato universal. A fim de criar ou aumentar a crença nos prodígios do sagrado Juazeiro, a “literatura de cordel” não se cansa de lembrar os perigos da vida sem a proteção do Pe. Cícero. No final das narrativas que incorporam as profecias atribuídas ao Patriarca, é frequente o comentário sobre o infeliz destino dos desprovidos de fé.

Em geral, segue-se uma escala de merecimento. Quando o pecado ou o erro não é de grande porte, o castigo é menor, pois o padrinho é máximo guardião da justiça. Seu milagre não é aleatório, aparece dentro de uma irretocável coerência, sempre deixando uma lição para o bom viver. No poema *Os milagres do Pe. Cícero*, Expedito Sebastião da Silva nos informa sobre o caso “do romeiro que veio / só para presenciar / do Pe. Cícero um milagre / pra em sua terra contar”. O poeta insinua: o motivo que orientou a visita desse romeiro misturou fé, ares de desconfiança e curiosidade. Houve uma certa falta de respeito, o castigo não foi de grande peso:

“Quando ele aqui chegou
ficou numa rancharia
bem perto da residência
que o Pe. Cícero vivia
da casa do Santo Padre,
um instante não saía.

Ele ali devido a sua
curiosidade ou crença,
com paciência esperava
com atividade imensa
do Pe. Cícero um milagre,
feito na sua presença.

Porém aquele romeiro
o que quis não conseguiu,
pois do Pe. Cícero, um só
milagre não assistiu
aí ele ao Santo Padre,
se dirigindo pediu:

– Meu Padrinho, há três dias
que estou em Juazeiro,
pra do senhor assistir
um milagre verdadeiro
pra contar em minha terra
como faz todo romeiro.

O Pe. Cícero ouvindo
o romeiro assim a falar,
pousou nele sério os olhos
depois disse a lhe fitar:
não sou Deus, meu amiguinho,
para milagre operar.

Mas como aquele romeiro
com o Pe. Cícero insistisse,
para operar um milagre
para que ele assistisse
o padre pra ele olhando,
com severidade disse:

– Meu amiguinho, a você
vou um pedido fazer,
quero saber se me faz
para me satisfazer;
o romeiro respondeu:
faço com todo prazer.

– Pois bem disse o Pe. Cícero
quando em casa chegar,
você pegue a espingarda
do vizinho e vá levar
que você trouxe escondido,
sem ele lhe emprestar.

– Pois com aquela espingarda
todo dia o seu vizinho
sai pela mata caçando
pra matar algum bichinho
pra comer com a família
com seu humilde ranchinho.

– Você promete entregar-lhe
a espingarda na mão?
– Prometo, disse o romeiro
chorando de emoção
depois dali retirou-se
tristonho fitando o chão.”

Como já foi comentado, existe uma certa coerência na realização dos milagres. O que sofre merece mais apoio e o descrente recebe justa punição (ou, como no caso acima, pode ganhar uma forte advertência...). Mas sempre há uma lição para o bom viver. Os prodígios do Pe. Cícero não possuem somente a função de oferecer dádivas ou penalidades. Sempre carregam um exemplo para entrar no inventário das orientações vitais.

UMA HISTÓRIA SAGRADA

A “biografia popular” do Pe. Cícero, constituída de elementos do sobrenatural, não termina com a sua morte em 1934. Essa data apenas marca uma nova fase na vida do taumaturgo, que, temporariamente, deixa de morar em Juazeiro. Sua nova residência é no Paraíso Eterno, mas, com certa frequência, vem cumprir uma missão no mundo dos mortais, fazendo milagres ou dando previsões.

Nos limites de uma investigação histórica, é óbvio inferir que o Pe. Cícero possui uma historicidade. Afinal, existe uma cronologia, um encadeamento dos fatos que constitui sua existência concreta, captável pelos sentidos de qualquer mortal. Nessa perspectiva, percebe-se um Pe. Cícero histórico, envolvido nos interesses de seu tempo, numa ordem social historicamente constituída. É o Pe. Cícero que emerge dos documentos oficiais e promove calorosa polêmica no meio da intelectualidade.

Entretanto, nas narrativas populares, existe um Pe. Cícero que está dentro e além dessa história factual e profana. Está dentro porque há uma biografia, a vida de um indivíduo inserido numa certa ordem cronológica de acontecimentos. Uma história que sempre recebe a presença do sagrado, mas não perde a historicidade, pois há uma vida que, no final das contas, faz parte do social. Contudo, o Pe. Cícero está além da história simplesmente cronológica, da tessitura social: é desprovido de matéria, ou melhor, de características fundantes do corpo humano, e sua vida faz parte de um tempo sem começo nem fim. Flutua na eternidade. Sua passagem pelo mundo dos pecadores é a manifestação histórica de um ser eterno, com origem e destino que se perdem na nebulosidade do infinito.

Por conta disso, os romeiros não costumam falar em “morte” do Pe. Cícero. Em geral, declaram que,

em julho de 1934, o venerado padrinho “se mudou”. O imaginário popular possui um rico estoque de casos que mostram a marcante presença do padrinho depois de 1934, nas mais variadas formas de fazer curas, dar conselhos ou aplicar um merecido castigo.

Mesmo depois da morte, o Patriarca de Juazeiro continua vivo. Eis uma mola mestra do grande poder de um santo protetor. Padre Cícero não morreu. Mudou de endereço, mas não abandonou os afilhados. Continua sua obra e não esquece de fazer visitas, sempre mostrando a potência do sagrado.

Para compor a dimensão histórica do Pe. Cícero, o devoto não nega por completo a versão dos historiadores oficiais. Há uma certa cronologia que permanece: data e lugar de nascimento ou morte; os estudos no seminário da Prainha; a volta para Juazeiro; a guerra de 14 e outros “dados” guardam, em sentido epidérmico, uma semelhança com o relato exposto na bibliografia da nossa *visio intellectualis*. Mas o entrelaçamento de significados assume outras direções, o sagrado penetra no corpo das palavras como uma condição fundante do discurso popular e o imaginário legitima toda sorte de manifestações do sobrenatural.

No folheto *O nascimento do Pe. Cícero na cidade de Crato - CE e o milagre quando levantou um morto na serra de São Pedro*, o poeta José Bernardo informa que o jovem Cícero morava no Crato e “depois foi para o seminário / aprender para ser padre / de Jesus Cristo um vigário”. Logo depois, o poeta esclarece que o “biografado” pertence a uma história sagrada, colocando-o no plano da eternidade ao declarar que Cícero “veio salvar o pecador / Deus foi que o mandou / fazer o que é necessário”. O tempo cronológico dos homens se confunde com a intemporalidade de Deus. A existência do “mortal” emerge daquele que, ao mesmo tempo, é o Alfa e o Ômega: o verbo ser no passado, no presente e no futuro.

Dando continuidade à sua narrativa, José Bernardo afirma que Cícero “com 24 anos / o estudo completou / na ordem sacerdotal / como padre se ordenou”. Nos versos subseqüentes, o poeta continua com livre trânsito entre o céu e a terra. Nessa e em outras narrativas populares, é regra lembrar que o Pe. Cícero está numa história que faz sentido a partir dos planos da divina providência.

As narrativas populares que focalizam a vida do “Padrinho” seguem certos postulados que orientam a hagiografia católica. Nessa perspectiva, a humanidade tem sentido a partir de um plano divino. E, dentro desse plano, Pe. Cícero ocupa um lugar de inquestionável destaque. O Patriarca emerge

no espaço e no tempo dos homens (dimensões orientadas por Deus) com uma missão de inestimável valor para combater os pecados e aumentar a fila dos que vão ganhar o Paraíso Celestial. Existe como um destacado personagem da história sagrada, ou melhor, católica.

Conforme Michel de Certeau (1982: 266-7), a hagiografia cristã não está limitada à Antiguidade ou à Idade Média: percorre toda a história do cristianismo. Foi produzida pela Igreja e por “leigos” (às vezes, vistos pela hierarquia eclesiástica como fanáticos que inventam episódios fora dos princípios teológicos ou da “verdade histórica”). Nesse tipo de narrativa, “a combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente ‘àquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘àquilo que é exemplar’” (1982: 266).

Essa característica básica do relato hagiográfico, destacada por Certeau, se faz presente nas crenças que transitam em Juazeiro na medida em que as narrativas populares sobre o Pe. Cícero sempre destacam “aquilo que é exemplar”. De acordo com os folhetos citados e o depoimento de romeiros, há, na vida do “Padrinho”, um encadeamento de fatos que revela uma combinação de virtudes e milagres, no sentido de construir uma “exemplaridade”. Sua existência entre os “mortais” emerge com um sentido especial, orientado pela Divina Providência. Um fluxo de palavras organiza-se para seguir um modelo hagiográfico.

Analisando a estrutura do discurso hagiográfico, Certeau constata que sempre existe uma “origem nobre”, manifestação responsável pela definição dos atributos essenciais da vida de um santo. “Enquanto a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que *tudo é dado na origem* com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’(...) O santo é aquele que não perde nada do que recebeu” (1982: 273).

A partir dessa análise, nota-se que a imagem do Pe. Cícero (na religiosidade popular) possui uma hagiografia e não propriamente uma biografia. A biografia, conforme Certeau, se faz num processo evolutivo: o biografado constrói-se sob influência do viver, em simbiose com suas possíveis “tendências naturais”; ou até mesmo sob o sentido determinado por Deus. Mas a vida de um santo não se constrói no convívio com a humanidade. O santo já é na origem: “tudo é dado na origem”. Há um sentido predeterminado e rígido. O santo já nasce santo. Pe. Cícero veio ao mundo numa “troca misteriosa” e não foi, portanto, o fruto de uma conjunção carnal: já nasceu puro. De acordo com o citado folheto do poeta João Martins de Athaide, “parece

que a natureza / já tinha o predestinado / ele aprendia a doutrina / antes de ser ensinado (...)."

A hagiografia sobre o Pe. Cícero aqui citada é, em certa medida, uma forma de construir ordem para o sentido de tudo o que existe. Trata-se de um ritual que reafirma valores primordiais de uma determinada visão de mundo. Para os fiéis que (re)criam o prodigioso mundo de Juazeiro, cada milagre ou cada fato ligado ao Pe. Cícero é a expressão de uma especial verdade enraizada em princípios fundamentais. Afinal, vale salientar que, em sentido geral, as histórias do povo, ou melhor, os fatos incorporados nas tradições orais possuem, com maior ou menor intensidade, um caráter de ordenação ontológica.

As palavras de Mario Vargas Llosa, além de belas, são de grande valor para um melhor entendimento dessa questão: "como para a sociedade, para o indivíduo também [o contar estórias] é uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Por que o homem necessita de contar e contar-se estórias? Talvez porque (...) dessa forma luta contra a morte e os fracassos, adquire uma certa ilusão de permanência e desagravo. É uma maneira de recuperar, dentro de um sistema que a memória estrutura com a ajuda da fantasia, esse passado que quando era experiência vivida tinha a aparência do caos. O conto, a ficção, gozam daquilo que a vida vivida – em sua vertiginosa complexidade e imprevisibilidade – sempre carece: uma ordem, uma coerência, uma perspectiva, um tempo fechado que permite determinar a hierarquia das coisas e dos fatos, o valor das pessoas, os efeitos e as causas, os vínculos entre as ações. Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nestas 'ficções' que fazem do que somos algo paradoxalmente igual e diferente de nós. A ficção é o homem 'completo', em sua verdade e sua mentira confundidas. (...) Inventar não é, quase sempre, outra coisa que tomar-se certa desforra de vida que nos custa a viver, aperfeiçoando-a, ou envilecendo-a de acordo com nossos apetites e nossos rancores; é refazer a experiência, retificar a estória real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossas alegrias ou nossa cólera reclamam" (*A Senhorita de Tácna*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. Citado por Rondelli, 1989: 47).

Nas histórias do povo, Pe. Cícero ganha consistência tal como deseja o imaginário dos peregrinos. Constroem histórias que dão forma mais palpável aos desejos. Refiro-me, sobretudo, aos desejos de

ver, concretamente, o que já existia nos ideais, na pregação dos missionários que procuravam evangelizar a Terra de Santa Cruz. A (re)produção e a circulação de histórias sobre o Pe. Cícero guardam íntima relação com a vontade de ter bem próximo um grande protetor. Assim, as narrativas cheias de milagres do velho padrinho fazem parte desse desejo, dessa predisposição para, diante de certos acontecimentos – como a transformação da hóstia em sangue –, encontrar manifestações do sagrado. Afinal, o milagre ou a santidade, numa perspectiva sociológica e não teológica, só existe quando – em um determinado universo cultural – há um conjunto de crenças preparado para construir e legitimar essa existência.

Vale lembrar: o catolicismo que veio para a Terra de Santa Cruz carregou um código de regras que fabrica vários esquemas de apadrinhamento. Além do compadrio gerado na pia batismal, a religiosidade do "Velho Mundo" plantou nas novas terras uma rede de segurança constituída por padrinhos de fogueira, padrinhos de casamento e a significativa participação de protetores do além: os santos que cuidam de partes do corpo (por exemplo: Santa Luzia para os olhos); o santo da devoção particular; o padroeiro da cidade; o santo para cada profissão; o anjo da guarda...

O compadrio era um parentesco definido pelo acordo entre os pais e os futuros padrinhos. A partir de um convite, um casal aceitava a adoção de um afilhado. Ao ser batizado, o novo membro da cristandade ganhava um casal de padrinhos, que deveria dar a necessária proteção para o afilhado. O padrinho e a madrinha deveriam ajudar e orientar o afilhado, do qual recebiam atenção e obediência. Os pais e os padrinhos da criança transformavam-se em compadres e comadres. Nascia uma espécie de irmandade de ajuda mútua baseada em laços de confiança e respeito.

Com o catolicismo que acompanhou os movimentos da colonização, o compadrio penetrou no modo de viver dos primeiros núcleos de população branca. No decorrer do tempo, essa forma de criar sólido parentesco sob a égide do batismo se incorporou em várias culturas que se formaram nas terras do fragmentado Brasil. No sertão, ou na chamada "região Nordeste", o compadrio se transformou em uma prática de inestimável importância para as normas de ordenação social.

Em certa medida, o compadrio procura reproduzir nas relações sociais a ordem natural do universo. Em outras palavras, a ligação entre devoto e protetores do além guarda íntima semelhança com a relação senhor-camponês, que geralmente se re-

aliza com os laços do compadrio. Como ressalta Duglas Texeira Monteiro, “o agregado escolhe o fazendeiro como padrinho do filho porque o fazendeiro é seu patrão. Ao mesmo tempo, é leal a esse patrão porque ele é seu compadre” (citado por Oliveira, 1985: 98). O princípio central desse contrato reside no seguinte aforismo: os fortes podem e devem proteger os fracos. E a proteção deve florescer no céu e na terra: com a misericórdia da corte celestial e a caridade dos potentados.

Nessa perspectiva, o catolicismo que penetrou nos caminhos da caatinga deixou uma cultura da proteção por meio da qual a existência de potentados e despossuídos é plenamente justificada: Deus fez o rico para proteger o pobre. A obediência é, nesse sentido, o honroso comportamento do camponês que recebe o abrigo do generoso patrão. Dessa forma, os laços de lealdade entre o senhor e aquele que está sob sua proteção apresentam-se como perfeitamente justos e coerentes, pois a dominação senhorial é vista como um bem criado por Deus. Em certa medida, a desigualdade de privilégios não é claramente percebida.

Os depoimentos de dois camponeses, citados a seguir, expressam a visão do despossuído dentro dessa forma de “dominação tradicional” e mostram que, apesar das mudanças, o “imaginário da proteção” ocupa, ainda hoje, lugar de destaque:

“A pior coisa que tem é a gente não ter patrão, parece jumento sem dono, a gente não sabe a quem procurar” (morador-parceiro, sertões dos Inhamuns, CE). “Eu acho melhor ser morador e dizer assim eu tenho patrão, do que viver independente sem patrão. Pra mim eu acho melhor porque eu tô vendo aí como é. O caboclo pobre num tem garantia de nada. Se ele num tiver uma garantia pelo patrão de que ele tá valendo? Caboclo pobre feito jumento solto nos tabuleiros pra mim não dá” (morador-parceiro, sertões de Quixeramobim, CE). (citado por Barreira, 1992: 23).

É sobre esse território de protetores e protegidos que floresce um grande padrinho: o santo de Juazeiro. Nas construções do imaginário, aparece um protetor que já existia nos ideais. A partir de certos indícios, como o “milagre da Beata” e a própria vida de caridade e oração do Pe. Cícero, o imaginário da proteção inventou – por instrumentos que, em certa medida, fogem da racionalidade formal – um ser de eterna potência. Lembrando as conclusões de Marc Bloch (1993: 278) em seu estudo *Os reis taumaturgos*, pode-se dizer: o que criou a fé no Pe. Cícero foi a idéia de que ali devia haver um milagre, ou melhor, um grande protetor.

O Pe. Cícero dos devotos é um padrinho de im-

perecível poder. Nessa cultura, o mundo é constituído por uma complexa rede de proteções. O ser humano, por conseguinte, está inserido em laços de apadrinhamento, apesar das inseguranças e sofrimentos que marcam o desenrolar do tempo. As palavras dos poetas populares partem desse pressuposto.

A NEGAÇÃO DO PROTETOR

O padrinho que tem o dever da proteção pode, também, aplicar o merecido castigo: o pai da paixão transforma-se em pai da punição. Nesse caso, o sofrimento assume um claro sentido de lição para o incrédulo. O pecado mais recorrente, nesse sentido, é o conjunto de declarações depreciativas sobre a imagem do venerado patriarca. Para o pecador, abre-se uma estrada de infortúnio e doloroso arrependimento. Às vezes, a punição assume larga intensidade: o pecador é transformado em animal.

No cordel *A moça que virou cobra*, Severino Gonçalves deixa para o leitor o assombroso exemplo de um castigo. Trata-se da história da “filha dum fazendeiro” que “não acreditava em Deus / e nem na Virgem Maria”. Não tinha fé nos poderes de Juazeiro e, certo dia, mandou umromeiro dar o seguinte recado ao Pe. Cícero:

“Só creio no padre Cícero quando ele me castigar
fizer eu cair as pernas
meus braços se deslocar
criar ponta e nascer dente
correr virada em serpente
mordendo quem encontrar.

Quando eu andar feito cobra
com o bucho pelo chão
os dentes como uns espetos
a cauda como um dragão
os olhos encarnado e feio
daí em diante eu creio
no padre Cícero Romão.”

O poeta informa que, no dia seguinte, a filha do fazendeiro sumiu. Após três semanas, chega a notícia sobre uma cobra que se arrastava nas ruas de Juazeiro, em triste lamentação. Era a moça que, em forma de serpente, narrava seu impiedoso destino. Sua mãe, ao saber desse terrível castigo, começou a rezar e pedir misericórdia ao poder de Deus. No outro dia, o monstro apareceu e “*todo mundo chorou / quando ela começou / a contar seu sofrimento*”:

“Triste do cristão no mundo
que fala da vida alheia
termina assim como eu
leprenta cascuda e feia
vagando no mundo à toa
é infeliz a pessoa
que Jesus Cristo odeia.

Quando eu zombei de padrinho
era uma gentil menina
porém Deus me castigou
ando cumprindo uma sina
virada em uma serpente
culpada disto somente
foi minha língua ferina.

Eu vou para o Juazeiro
assistir uma missão
que vai haver hoje à tarde
na matriz da Conceição
chegou a hora marcada
vou assistir à chegada
do Frade Frei Damião.

Nisto a serpente marchou
se arrastando pelo chão
seguiu para o Juazeiro
na prolongada extensão
quando chegou na cidade
gritou quando viu o frade
valei-me Frei Damião.”

Depois de fazer orações e solicitar ajuda do além, o velho capuchinho realizou um grande milagre: “*a fera desencantou-se / estava santificada*”. Essa história, vale salientar, é o tema central de vários folhetos. As narrativas mudam detalhes e certa ordenação dos fatos, porém o conteúdo básico é o mesmo: dar o exemplo da moça que virou cobra porque falou mal do Pe. Cícero. No âmbito da oralidade, esse caso (e suas variações) é tema de assídua presença.

No caso aqui estudado, ou seja, na cultura dos devotos de Juazeiro, o castigo da metamorfose é um fenômeno de profundo significado. Para os poetas do povo, essa justa punição revela-se quando o incrédulo falta com o respeito diante do Pe. Cícero, do Frei Damião e das mães. O título de alguns folhetos nos oferece uma boa referência dessa questão. Além das histórias da moça que virou cobra porque falou do Pe. Cícero, encontramos um largo acervo de casos exemplares: *O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião*, de José da Costa Leite; *O protestante que virou num urubu*

porque quis matar Frei Damião, anônimo; *Exemplo da crente que profanou Frei Damião* (e virou macaca), de Vicente Vitorino; *O rapaz que virou bode porque surrou a mãe dele*, de Luís de Lira ou *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*, do conhecido poeta Rodolfo Coelho Cavalcante.

Além de obedecerem a uma “pedagogia do medo” que reafirma o poder do sagrado e converte o incrédulo, essas narrativas nos falam, metaforicamente, sobre a diferença entre o homem e os animais. Nesse sentido, a essência do homem seria a sua devoção. Sem o sagrado, seria um animal. O infiel estaria no plano dos inferiores por não possuir religião.

Se não tomar cuidado, o homem pode entrar numa transfiguração ontológica, pois, ao negar o sagrado, ele abandona a humanidade. Ao romper os laços com o protetor, perde-se a proteção; sem proteção, o ser perde a forma e penetra nas malhas do sofrimento. Nota-se que o padrinho não abandona o afilhado, é o protegido que, sob a égide do Satanás, nega o protetor, ou seja, abandona a condição humana. O homem constrói sua metamorfose nas trilhas do pecado, quando obedece às ordens do Inferno e entrega-se aos prazeres da sedução satânica.

O castigo confirma a existência do mundo como uma estrutura dinâmica constituída por laços de proteção. O (in)fiel que nega o poder do Padrinho Cícero recebe justa punição: clara evidência da primordial importância de se respeitar as tessituras do apadrinhamento que vem do céu ou da terra. Na esfera celestial, o respeito deve aparecer diante do Pe. Cícero e Frei Damião, dois representantes do grande poder divino. Na dimensão terrena, a mãe ocupa um lugar que sempre exige um respeitoso tratamento. Falta de postura digna diante da mãe é outra fonte de castigo.

Um parêntese: é possível inferir que, na configuração familiar dessa cultura, a mãe estaria mais próxima do sagrado. Não encontrei folhetos sobre castigos que focalizem, nesse sentido, a figura do pai. Certamente, indício da mentalidade que fala sobre a pureza da “Santa Mãezinha”, a mulher idealizada nas elucubrações da Igreja Católica.

A PRODUÇÃO DA VERDADE

Nas narrativas populares, os devotos constroem verdades para o sentido da vida e de tudo que existe. Verdades que, desde 1889, produzem o constante fluxo das romarias para a “Terra da Mãe de Deus”.

Deve-se lembrar que as narrativas dos fiéis sempre colocam certos fatos dentro de uma lição para o bom viver. Em cada história, há um exemplo que mostra como as coisas são, como devem ser ou vão ser. No substrato das narrativas existe uma revela-

ção ontológica que abre visibilidade para valores primordiais.

Emerge daí uma “verdade de sentido”. Um castigo ou uma dádiva do Pe. Cícero sempre aparecem dentro de uma rede de significados que mostra a estrutura do ser.

Para os devotos, as narrativas sobre o Pe. Cícero são casos exemplares. O castigo e a dádiva são *possibilidades reais*, que possuem um sentido coerente.

Em certa medida, essa fé aproxima-se das chamadas “culturas primitivas”, em que o real confunde-se com o sagrado. Como afirma Mircea Eliade, “no nível das culturas arcaicas, a hierofania é ao mesmo tempo uma ontofania, a manifestação do sagrado equivale a um desvelamento do ser e vice-versa.” (Eliade, Mircea. “Le symbolisme des ténèbres dans les religions archaïques”, *Études Carmélitaines* – *Polarité du Symbole*. Bruges. Desclée de Brouwer, 1960:15. Citado por Menezes, 1985: 112). Assim, os milagres do Pe. Cícero são aberturas por onde o real e o seu sentido se mostram.

É imprescindível salientar que tais narrativas, constituídas por um complexo jogo de concepções da tradição cristã, fornecem elementos que fundamentam significados vitais para a vida de cada devoto. Afinal, “o fiel que comungou com o seu deus não é apenas um homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las.” (Durkheim, 1989)

Juntamente com a doação de sentidos vitais, a fé dos devotos fornece uma autodefinição. O fiel usa suas crenças para se definir, para construir seu rosto, num processo de autovalorização. Há uma enigmática força quando o fiel declara: “*meu padrinho Cícero*”. Nesse momento, ele anuncia que é afilhado do Patriarca, que é um romeiro da “Terra da Mãe de Deus”. Um mortal que possui parentesco com o enviado do Divino.

De forma geral, esse processo de autovalorização é uma característica presente no universo de outras manifestações religiosas. Bom exemplo disso é a indagação que Carlos Rodrigues Brandão (1980:141) recebeu durante a pesquisa para a sua tese de doutorado *Os deuses do povo*. Com a mão na Bíblia, um fiel da “Pentecostal Independente” se dirigiu ao pesquisador e disse: “Veja, eu sou preto e sou pobre, mas sou crente e um salvo no Senhor. E o senhor?”

Acreditar na trajetória miraculosa do Pe. Cícero, ouvindo e (re)produzindo *histórias de um mundo encantado*, é construir um ritual de exteriorização da fé, dando-lhe forma e visibilidade. Significa

materializar um sentimento, uma paixão. Um sonho que não tem – para a infelicidade do pesquisador cartesiano – origem e funcionamento plenamente definidos.

Cada “causo do padrinho” alimenta essa mesma fé que produz o encantamento, as palavras sobre os milagres de Juazeiro. A fé produz histórias e as histórias produzem fé. Por conta disso, a “literatura de cordel” pode ser uma via de acesso para estudos sobre o imaginário religioso. Mas é sempre válido lembrar que as histórias populares penetram na memória dos fiéis de forma desigual e sofrem processos de reelaboração. Não há um estoque de informações que é simplesmente absorvido por cada devoto. A margem das peculiaridades é larga e dinâmica, embora enclausurada em fronteiras de considerável rigidez.

Nesse rápido estudo sobre “imagens do Pe. Cícero na literatura de cordel”, procurou-se vislumbrar a fé dos que se serviram de histórias encantadas para (re)construir o grande santo da proteção. Em outras palavras: entramos em contato com parte das narrativas que circulam nos vários caminhos das devoções de Juazeiro. Na poética dos folhetos de cordel, os devotos constroem verdades que fornecem sentido e força para o viver.

Paul Veyne (1987: 11-12) tem razão ao afirmar que “... em vez de falar de crenças, devíamos, afinal, falar de verdades. E que as próprias verdades eram elas próprias imaginações. Não fazemos uma idéia falsa das coisas; é a verdade das coisas que através dos séculos, é estranhamente constituída. Longe de ser a mais simples das experiências realistas, a verdade é a mais histórica de todas elas. (...) esta imaginação é uma faculdade, mas no sentido kantiano da palavra; ela é transcendental; constitui o nosso mundo, em vez de ser o seu fermento ou seu demônio. Só que, e isto faria desmaiar de desprezo todo o kantiano responsável, este transcendental é histórico, pois as culturas sucedem-se e não se assemelham. Os homens não encontram a verdade. Fazem-na, como fazem sua história, e elas pagam-lhes na mesma moeda”.

BIBLIOGRAFIA

AZZI, Riolando. (1990), “As romarias de Juazeiro: catolicismo luso-brasileiro versus catolicismo romanizado”. *Anais do 1 Simpósio internacional sobre o Pe. Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte*. Fortaleza, UFC.

BARREIRA, César. (1992), *Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão*. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. (1988), *A*

- terra da mãe de Deus. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BARTHOLOMEU, Floro. (1923), *Joazeiro e o Pe. Cícero*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- BAKHTIN, Mikhail. (1993), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec/Editora da Universidade de Brasília.
- BLOCH, Marc. (1993), *Os reis taumaturgos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1980), *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, Brasiliense.
- BURKE, Peter. (1989), *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CAMPINA, Maria Conceição Lopes. (1985), *Voz do Padre Cícero e outras memórias*. São Paulo, Ed. Paulinas.
- CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. (1977), "A ideologia dos romeiros nordestinos na literatura de cordel". *Revista de Ciências Sociais*, VIII/1-2, Fortaleza.
- CARVALHO, Gilmar de. (1987), "Editoração de folhetos populares no Ceará". *Revista de Comunicação Social - UFC*, nº 17, Fortaleza.
- _____. (1989), "Literatura de cordel e a imprensa: o papel de 'O Rebate'". *Jornal D.O. Letras*, nº 16, nov., Fortaleza.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (s/d), *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro Editora Tecnoprint.
- _____. (1985), *Superstição no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia/Edusp.
- _____. (1988), *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia/Edusp.
- CERTEAU, Michel de. (1982), *A escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- CHAUÍ, Marilena. (1991), *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense.
- CURRAN, Mark J. (1987), *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa.
- DELLA CAVA, Ralph. (1985), *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- DEL PRIORI, Mary. (1993), *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, José Olympio/Edunb.
- DESROCHE, Henri. (1985), *Sociologia da esperança*. São Paulo, Paulinas.
- DURKHEIM, Émile. (1989), *Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas.
- ELIADE, Mircea. (1992), *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes.
- KUNZ, Martine. (1989), "Os milagres do milagre na voz do poeta popular". *Jornal D.O. Letras*, nº 16, nov.
- _____. (1994a), "Pe. Cícero e a literatura de cordel". *Anais do Seminário 150 anos do Pe. Cícero*. Fortaleza, RCV Gráfica e Editora.
- _____. (1994b), "O sonho, o padre e o poeta". *Revista documentária comemorativa dos 150 anos de nascimento do Padre Cícero Romão Batista*, Fortaleza.
- LE GOFF, Jacques. (1992), *História e memória*. São Paulo, Editora da Unicamp.
- LOPES, F. Régis. (1993), "Canudos: paraíso ou purgatório?". *Jornal Raízes*, 14, nov., Fortaleza.
- _____. (1994a), *Caldeirão: um estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades*. Fortaleza, Editora da Universidade Estadual do Ceará.
- _____. (1994b), *João de Cristo Rei: o profeta de Juazeiro*. Fortaleza, Editora da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará.
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. (1977), "Para uma leitura sociológica da literatura de cordel". *Revista de Ciências Sociais - UFC*, VIII, Fortaleza.
- _____. (1985), "A quotidianidade do demônio na cultura popular". *Religião e sociedade*, nº 12/ 2.
- _____. (1990), "O imaginário popular do sertão: indicações para pesquisa". *Anais do 1 Simpósio internacional sobre o Pe. Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte*. Fortaleza, UFC.
- _____. (1992/93), "O imaginário popular do sertão: rumos para uma pesquisa em antropologia histórica". *Revista de Ciências Sociais - UFC*, nº 23-24/1-2.
- MONTEIRO, Duglas Texeira. (1977), "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado". *História da civilização brasileira*, t. III / 2. São Paulo, Difel.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. (1985), *Religião e dominação de classe*. Petrópolis, Vozes.
- RONDELLI, Beth. (1993), *O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro, Funarte/Ibac.
- THOMAS, Keith. (1991), *Religião e o declínio da magia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- TODOROV, Tzvetan. (1991), *A conquista da América (a questão do outro)*. São Paulo, Martins Fontes.
- VEYNE, Paul. (1987), *Acreditavam os gregos nos seus mitos?* Lisboa, Edições 70.
- WEBER, Max. (1991), "A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais", in Gabriel Conh (org.), *Max Weber*. São Paulo, Ática.